

Arte mixta

GALERIA DE ARTE

RUA DE S. DOMINGOS À LAPA, 6
1200 LISBOA

OCEANO ATLÂNTICO

PINTURA E ESCULTURA

*António Matos, António Quina, Isabel Augusta, Jasmim,
Luís Cruz, Luísa Correia Pereira, Mateus,
Pedro Homem de Melo, Rui Matos e Teresa Silva.*

DE 22 DE OUTUBRO A 20 DE NOVEMBRO DE 1987

“Foi pelo Atlântico que fomos à procura da glória, à criação da Civilização Maior. É pelo Atlântico, mas em alma e espiritualização, que devemos ir em demanda da Civilização Máxima”.

FERNANDO PESSOA

A exposição OCEANO ATLÂNTICO foi realizada para integrar a grande mostra de arte contemporânea portuguesa que se realizou no Funchal (Madeira) no passado mês de Setembro sob a designação genérica de MARCA. Quase todas as galerias portuguesas aderiram a este projecto ambicioso, assombroso na sua concepção, devido à dimensão gigantesca da iniciativa e ao inusitado aparente que é realizar o balanço da arte portuguesa contemporânea numa ilha situada no meio do atlântico, rodeada de mar e céu exclusivamente.

A dimensão de sonho deste empreendimento tem muitas semelhanças com as características mais especificamente atlânticas do nosso temperamento de portugueses e entronca na concepção atlântica preconizada por pensadores como Pessoa, Pascoaes ou Leonardo Coimbra.

“Acreditai até no que não há, / Que esse impossível, esse nada existirá” afirmava Teixeira

de Pascoaes a propósito da energia misteriosa e algo sonambólica dos portugueses.

Na presente exposição pretendeu-se apresentar perspectivas diferentes e não forçosamente coincidentes sobre este fenómeno. Cada um dos artistas representados tem desenvolvido um trabalho que consciente ou não é passível de uma abordagem desta natureza; desde a contenção às vezes sombria de Isabel Augusta, ao idealismo nostálgico de Teresa Silva, ou ao lirismo infantil de Luisa Correia Pereira. Na pintura de Mateus encontramos agora uma exaltação dos valores mais formais mas nem por isso se anula em absoluto a influência contemplativa do atlântico, que é absolutamente reconhecível em Jasmim e Pedro Homem de Melo.

Os quatro escultores representados apresentam exclusivamente peças de ardósia, obscuras pela sua força anímica em António Quina, aquáticas em Rui Matos, de uma fragilidade quase

terna em Luís Cruz e, no caso de António Matos é evidente o equilíbrio entre o pensamento e a sensibilidade.

Não pretendendo dar corpo único a esta “pleíade” de pulsações tão diversas formalmente e até na intensão explícita, gostaria apenas de frisar que perspectivam de formas diferentes aquilo a que chamarei de visão Atlântica da vida, num tempo em que talvez comecemos a olhar novamente sem culpabilidades doentias e preconceitos o oceano que trazemos na cabeça e no coração — até porque “os pássaros deste lado não sabem voar/é querermos voar que os faz voar”, como escreveu recentemente o poeta Joaquim Castro Caldas.

JOSÉ SOUSA MACHADO